

JOSÉ ANTÓNIO SANTOS

D. Albino Cleto

Memórias de uma vida plena

Paulinas Editora

O exemplo de um homem dedicado ao sacerdócio, voltado sempre para o aprofundamento do ser humano e dos caminhos do Bem, é esse um trabalho notável em torno da figura de D. Albino Cleto que o jornalista José António Santos nos oferece neste seu recente livro. Falamos de uma obra que interessa a diferenciados públicos porque, embora centrada num vulto da Igreja Católica, abre-nos o pensamento, leva-nos a múltiplas e importantes reflexões — hoje mais do que nunca — reflexões que foram a matriz de D. Albino Cleto na sua missão espiritual, cultural, no seu labor cívico.

Nascido em Manteigas, 1935, ao berço natal regressou em Junho de 2012 para ficar sepultado na campa dos pais. Contava 77 anos.

Uma biografia extensa, por ela passando, entre outros factos, a nomeação de D. Albino Cleto para bispo auxiliar do Patriarcado de Lisboa, pelo Papa São João Paulo II (1982); veio a tornar-se o 65º bispo de Coimbra (2001) e administrador apostólico daquela diocese (2011).

Um percurso marcado por uma incansável vontade de servir com simplicidade o seu semelhante, estar próximo dos que mais necessitassem da sua palavra amiga, solidária.

O jornalista José António Santos conheceu profundamente D. Albino Cleto, tornou-se seu discípulo na juventude, as suas vidas cruzaram-se nos anos sessenta no Círculo Juvenil da Paróquia do Sagrado Coração de Jesus (Lisboa). E a amizade perdurou. Eterna.

O livro com que José António Santos presta agora justa homenagem a D. Albino Cleto tem uma escrita de sabor jornalístico, palavra escorreita, rigorosa, preocupada com dados informativos devidamente investigados, tratados com seriedade. Não lhe são alheias, natural e felizmente, a sensibilidade, a ternura por alguém — pastor por excelência da verdade, da tolerância e do despojamento, com um poder de comunicação que «chegava fundo ao coração das pessoas».

Esta obra é, pois, a grande e brilhante reportagem que José António Santos realiza sobre um homem ímpar e por meio dela nos desperta para uma outra forma de olhar a nossa relação com a Humanidade e o Divino.

Sendo certo que a natureza da personalidade invulgar que foi D. Albino Cleto possibilita a vastidão e a intensidade deste trabalho, não deixa de merecer igualmente realce a competência de José António Santos na organização e na escrita culta e briosa de um livro de referência, imprimindo-lhe o saber e a arte de um jornalista íntegro, também ele atento às pessoas e ao mundo.

© MARIA AUGUSTA SILVA

Desta obra extraímos uma reflexão de D. Albino Cleto sobre

A Paz

Ela não é sinónimo de silêncio ou ausência, mas sim de certeza e segurança.

As nossas igrejas barrocas, cheias de volutas, talhas, lustres, espelhos e tectos pintados tinham mais paz do que bastantes templos actuais, construídos de tal modo que tudo nos distrai: a porta que se abre, a pessoa que passa, o letreiro que avisa... Considero esta marca uma das que mais urge cuidar nos nossos templos, antigos e modernos.

Nas grandes cidades cresce o número das pessoas que não vão à missa ao domingo mas, à saída do emprego, entram numa igreja e ali se sentam um bom pedaço.

Como criar condições e expressões para que o Deus da paz possa falar ao coração agitado destas pessoas? Nas décadas de cinquenta e sessenta, as correntes arquitectónicas da Alemanha e da Suíça (recordo as igrejas do Arq.º Baur) responderam pelo despojamento. A uma igreja desse tipo, nós, portugueses, chamamos-lhe fria e teremos para isso as nossas razões. A paz, repito-o, é fruto da certeza e da segurança no essencial. No interior de um templo ela pode coincidir com a cal, o estuque, a cor, a música, a imagem, o símbolo. Mas não é paz onde campeia o excesso.

O que importa é que naquele local, sozinho ou em comunidade, eu seja atraído pelo essencial, e não distraído pelo acessório.